

BRASIL

# Aos olhos do mundo

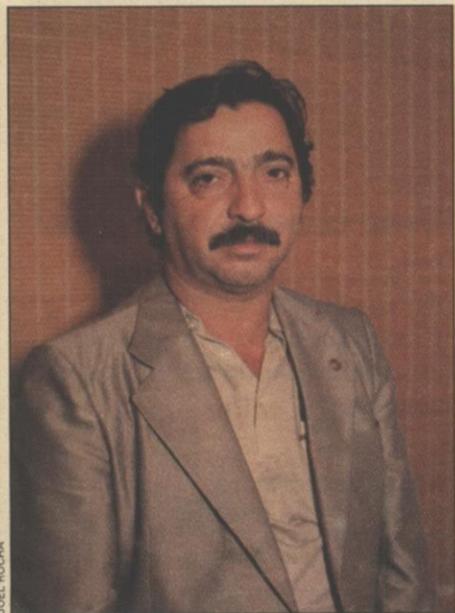
*O julgamento dos acusados da morte de Chico Mendes transforma Xapuri, um vilarejo de 28 ruas no Acre, num centro de atenção internacional*

**P**ele cor de mate, barriga saliente, bigode mexicano e nome que lembra o rei da voz dos anos 40, o cidadão Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, sempre viveu em casa de madeira com chão de terra, só aprendeu a ler e escrever com 24 anos de idade, vestiu o primeiro terno depois de ter passado dos 40, nunca teve automóvel nem telefone. A partir desta semana, a vida e a tragédia desse brasileiro estará no centro das atenções internacionais — em Nova York e em Tóquio, em Paris e na Dinamarca. Às 8 da manhã de quarta-feira tem início, em Xapuri, lugarejo com 28 ruas e 5 000 habitantes a 180 quilômetros de Rio Branco, no Acre, o julgamento de duas pessoas acusadas de planejar e consumir seu assassinato, com uma carga de escopeta, três dias antes do Natal de 1988.

Chico Mendes teve uma existência idêntica à de tantos brasileiros nascidos no desam-

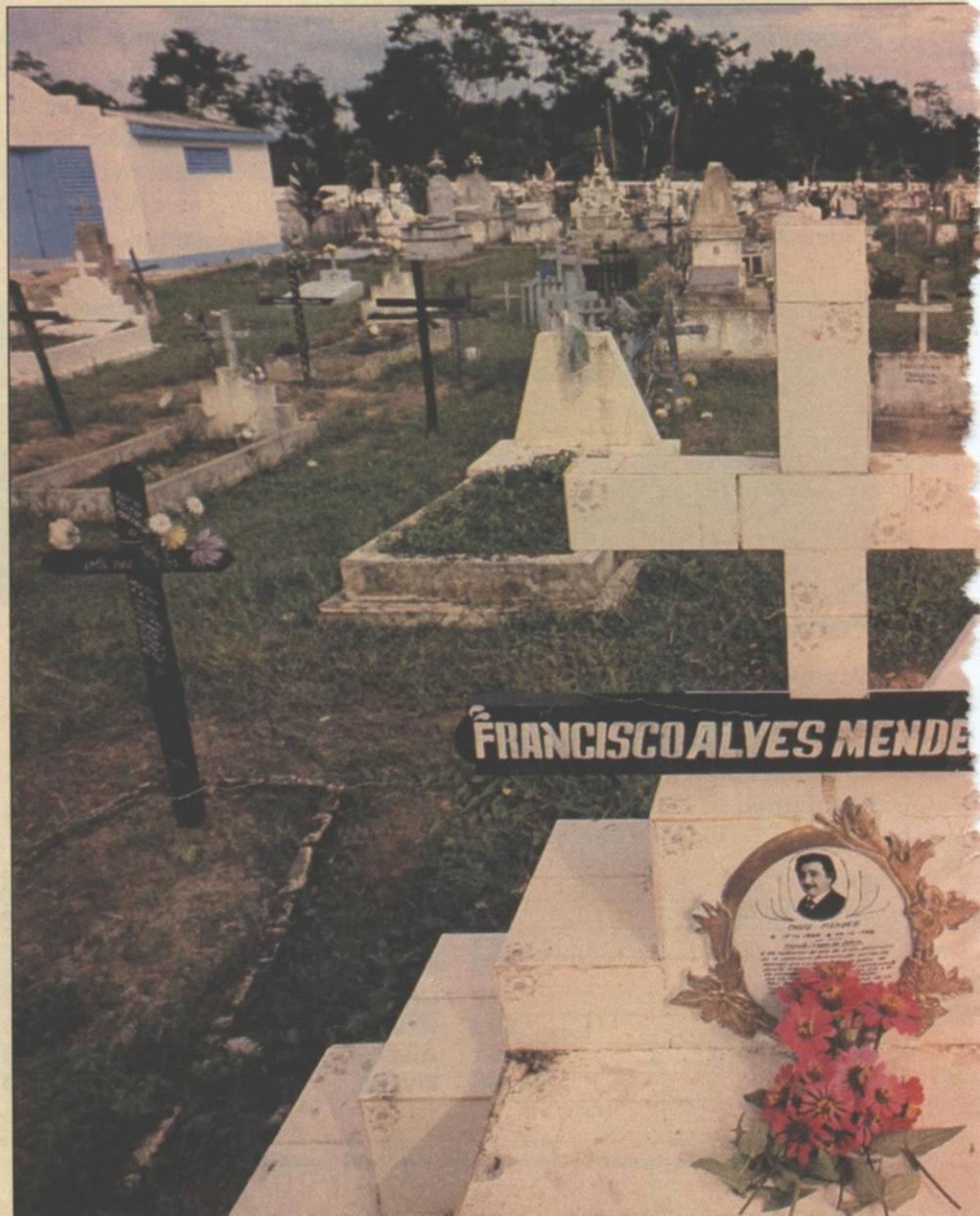
paro e fez carreira como líder dos seringueiros num ponto remoto da Floresta Amazônica. Morreu com o corpo cravejado com mais de quarenta perfurações de bala e como uma espécie de santo padroeiro dos movimentos ecológicos — e o julgamento de Xapuri já assumiu as proporções de tributo a um herói.

Desde a semana passada, personalidades do mundo inteiro começaram a desembarcar em Xapuri — a contabilidade final, entre políticos, ecologistas, antropólogos e jornalistas, pode chegar a 2 000 pessoas. Dos Estados Unidos virão equipes do *The New York Times*, o jornal de maior prestígio no



JOEL ROCHA

**Chico Mendes e seu túmulo, em Xapuri: o seringueiro que aprendeu a escrever aos 24 anos e só vestiu um terno aos 40 tem direito a receber tributos de herói**





PAULO JARES

## Um julgamento atrai Xapuri para o centro das atenções do mundo

Nunca, na história da Justiça brasileira, um julgamento atraiu tanta atenção internacional como agora. Personalidades do mundo inteiro estão desembarcando no Acre, e redes internacionais de televisão vão transmitir ao vivo o julgamento dos acusados de assassinar Chico Mendes.

**BRASIL 30**



MOREIRA MARIZ

## Patrões, empregados e governo encenam um novo pacto

Empresários e trabalhadores apresentam, em Brasília, uma proposta de entendimento nacional que defende a prefixação dos preços e salários e pede que o governo abra o cofre para evitar a recessão. A idéia não agradou e foi alvejada por tiros disparados dos quatro cantos do país.

**ECONOMIA 88**



MARIO LETTE

## Paraíso sertanejo

Depois de descoberta por estrangeiros, a Chapada Diamantina, no sertão baiano, vira atração para os turistas brasileiros.

**TURISMO 66**



MARIO LETTE

## Coquetel tropical

O rock ganha um LP excepcional, *The Rhythm of the Saints*, de Paul Simon, gravado em parte na Bahia e em Minas.

**MÚSICA 112**



J. LANGEVINSYOMA

## Uma chance para a paz

Pressão americana começa a dar resultados: Saddam Hussein anuncia a libertação dos reféns e todo mundo quer negociar.

**INTERNACIONAL 116**

ARTE	121	EM DIA	25	NOTAS ECONÔMICAS	99
CARTA AO LEITOR	27	EM RESUMO	85	NOTAS INTERNACIONAIS	55
CARTAS	13	ENTREVISTA	5	PONTO DE VISTA	126
CIDADES	58	ESPAÇO	59	RADAR	45
COTAÇÕES	97	GENTE	72	SAÚDE	78
DATAS	102	JÔ SOARES	19	TELEVISÃO	117
DIVERTIMENTO	62	JUSTIÇA	83	TRÂNSITO	75
EDUCAÇÃO	65	LIVROS	106	VIDA BRASILEIRA	22

planeta, e da rede de televisão CNN, que irá transmitir ao vivo as imagens do julgamento para as platéias de todos os continentes. Da Inglaterra virão uma equipe do *Times* e outra da BBC, a principal emissora inglesa. De outros países europeus chegarão equipes independentes de documentaristas.

Em escala nacional, a mobilização também promete. Do Rio de Janeiro partirá uma caravana liderada pelo ator Antonio Grassi, da TV Globo, que é namorado de Lilibeth Monteiro de Carvalho, primeira mulher do presidente Fernando Collor. De São Paulo sairá uma excursão sob o comando de Luís Inácio Lula da Silva, padrinho do PT, legenda à qual Chico Mendes era filiado. O Palácio do Planalto também escalou seu representante — será o delegado Romeu Tuma, diretor-geral da Polícia Federal. Com exatamente 99 cadeiras, os poucos lugares disponíveis na sala do tribunal de júri de Xapuri estarão reservados

para personalidades que conseguiram suas reservas com bastante antecedência. Os demais irão acompanhar o julgamento através de um telão que a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, mandou instalar num circo armado na praça principal da cidade.

**“JULGAMENTO HISTÓRICO”** — Nunca na história da Justiça brasileira o desfecho de um julgamento chamou tanto a atenção internacional como agora — tenha sido o do playboy Doca Street, condenado pela morte de sua namorada Angela Diniz, ou, para ir mais longe, o do revolucionário Frei Caneca em 1824, em Pernambuco. Pode-se dizer, também, que poucos julgamentos, em qualquer lugar do mundo, foram capazes de despertar tanta curiosidade junto à população de outros países — o caso mais recente foi o de Adolf Eichmann, criminoso de guerra nazista condenado à morte em Jerusalém, em 1962. “É um julgamento históri-

co”, afirma o antropólogo Stephan Schwartzman, do Fundo para a Defesa do Meio Ambiente, entidade ecológica com sede em Washington.

“Chico Mendes foi para os grandes fazendeiros da Amazônia aquilo que Lech Walesa representou para os burocratas que administravam o Porto de Gdansk”, afirma o escritor americano Andrew Revkin, autor de *Tempo de Queimada* — *Tempo de Morte*, o melhor livro já publicado sobre o drama da devastação da Amazônia e a tragédia de Chico Mendes. A sala do tribunal de júri de Xapuri é igual à de tantas cidades pequenas e pobres do país, onde não existem cinemas nem restaurantes, mas apenas pensões e pousadas modestas. Não há ar condicionado — a umidade é grande e a temperatura, nesta época do ano, bate nos 40 graus. É ali, em dois bancos de madeira, que irão sentar-se os réus. Um deles é Darci Alves da Silva, 22 anos. O outro, Darly Alves da Silva, 53 anos, seu pai.

Darci é acusado de ter sido o autor dos disparos que mataram Chico Mendes e chega ao tribunal na condição de réu que confessou o crime perante várias testemunhas. Poucos dias depois do assassinato, Darci apresentou-se à polícia e relatou que havia matado Chico Mendes. Chegou até mesmo a dar um motivo para o crime, afirmando que resolvera eliminar um seringueiro que vivia importunando os negócios da fazenda Paraná, propriedade de seu pai. Diante de um promotor, Darci chegou a desenhar um mapa do local do crime, com



**Os réus Darly Alves da Silva e seu filho Darci: presos há dois anos, um é acusado de ser o mandante do crime e o outro, de ser o próprio assassino**

FOTOS PAULO SANTOS

PAULO JARES

todos os detalhes. Mais tarde, a polícia resolveu fazer o que se chama de reconstituição e comprovou que todos os dados fornecidos por Darci conferiam.

**COMEÇO, MEIO E FIM** — Apenas um detalhe não combinava. As investigações apuraram que Chico Mendes foi assassinado após uma longa tocaia a poucos metros de sua casa — o crime ocorreu no momento em que ele, pouco antes do jantar, resolveu sair para tomar banho, utilizando-se de um chuveiro instalado do lado de fora. Também se descobriram vestígios de que essa tocaia foi feita por pelo menos duas pessoas, que chegaram a improvisar um pequeno acampamento nas proximidades. Em seu depoimento, Darci sempre assegurou que fizera tudo sozinho. Diversas testemunhas, no entanto, lembram-se que avistaram dois vultos correndo dali, logo depois dos disparos. A polícia chegou a identificar quem seria o cúmplice de Darci. Seu nome é Jardeir Pereira, e ele trabalhava, como empregado, na fazenda de Darly. Foragido da polícia, Pereira nunca foi localizado — e será julgado à revelia.

Adivinhar o veredicto de Darci no tribunal de Xapuri, esta semana, seria uma operação tão simples como assistir a um filme com começo, meio e fim e depois descobrir quem é o mocinho e quem é o bandido — mas existe a dificuldade de que, mais tarde, o réu confesso mudou de idéia. Numa reviravolta espetacular em suas lembranças, Darci deu um novo depoimento, no qual alegou que a confissão anterior era pura fantasia. Segundo disse, inventara todos os detalhes, inclusive o mapa, com a intenção de livrar seu pai da caçada policial que o perseguia — desde a morte de Chico Mendes, Darly Alves da Silva figurava, de fato, como o número 1 na lista dos suspeitos. Darci chegou a dizer, nessa ocasião, que temia pela vida do pai — e por isso teria feito a confissão.

**“DARLY NÃO TE MATOU?”** — A situação de Darly é mais complexa. Ele é acusado de ter sido o mandante do crime, e o simples fato de colocar os pés no tribunal na condição de réu já se constitui, por si só,

um fato inédito na Justiça brasileira. Pistoleiros acusados de matar agricultores em conflitos de terra raramente têm de prestar contas de seus crimes — dos 1 200 assassinatos ocorridos no país nas duas últimas décadas, apenas sete foram parar nos tribunais. Em se tratando de mandante, no entanto, essa é a primeira vez. Existem várias acusações contra Darly — a começar pela vítima.

O próprio Chico Mendes chegou a dar uma entrevista à TV Manchete, dias antes de morrer, acusando-o de tramar seu assassinato. Dono de uma propriedade de

gueiros de Xapuri, do qual Chico Mendes era presidente, naquela atitude cinematográfica de quem quer conhecer de perto a rotina de sua vítima. Entre os seringueiros de Xapuri, a convicção de que Darly arquitetava o assassinato era tão grande que, muitas vezes, ao se encontrar com Chico Mendes na rua seus amigos o cumprimentavam com uma brincadeira. “Como é, o Darly ainda não te matou?”

**CHICO, GENÉSIO, DARCI E DARLY** — Dono de uma vida pessoal tumultuada, Darly Alves da Silva tem uma folha corrida que chama a atenção pela quantidade de condenações por homicídio que já sofreu na Justiça (veja quadro à página 35). Ao longo das investigações sobre a morte de Chico Mendes, no entanto, ele sempre se declarou inocente. Existe, contra sua versão, o depoimento de um menino de 15 anos, Genésio Ferreira da Silva, que residia em sua fazenda na época do crime. Conforme Genésio, Darly planejou o assassinato numa espécie de reunião em família e escalou Darci para liquidar Chico Mendes. O filho teria se recusado, mas Darly teria insistido. “Você não honra as calças de homem que veste.” Mais tarde, segundo o rapaz, Darly anunciou que seria capaz de matar uma vaca e fazer um churrasco para festejar o assassinato — após o crime, teria ocorrido, de fato, um churrasco na fazenda. Genésio foi levado para uma acareação com Darci e Darly e confirmou o que havia dito à polícia.

Com uma vítima chamada Chico, uma testemunha com o nome de Genésio e dois acusados batizados como Darly e Darci, o tribunal de Xapuri funcionará como um cenário para muitos exercícios mentais. Para quem gosta de se divertir com os arquivos do passado político recente do país, haverá um confronto entre dois tribunais cultivados em campos opostos. Como auxiliar da acusação, encontra-se o advogado Márcio Thomaz Bastos, dono de uma bem-sucedida carreira como defensor de presos políticos do regime do AI-5. Na defesa, estará João Lucena Leal,



**Destaque no exterior: o brasileiro mais famoso após Pelé**

3 000 hectares, considerada de porte médio para o lugar, Darly estaria interessado em ampliar seus domínios na área dos seringueiros, que invadia com capangas armados de serras elétricas para derrubar árvores e revólveres para jogar no chão seres humanos. A mesma acusação Chico Mendes já havia feito a diversas autoridades policiais e até mesmo ao governador do Estado, Flaviano Melo. Existem testemunhos de que, em muitas oportunidades, Darly ficava parado na rua, a poucos metros da sede do Sindicato dos Serin-

um antigo agente da Polícia Federal de Fortaleza que integra a lista de 444 torturadores de presos políticos divulgada pelo livro *Brasil: Nunca Mais*. Aos estudiosos do presente, a curta biografia da testemunha Genésio funciona como uma parábola feita sob medida para mostrar os usos e costumes dessa região do país.

Depois que prestou seu depoimento à polícia, Genésio acabou sendo adotado pela guarda-mirim de Rio Branco, mantida pela PM local. Meses mais tarde, nem a PM se sentia capaz de garantir sua segurança — temia que fosse assassinado. O comandante pediu auxílio ao bispo de Rio Branco, dom Moacyr Grechi. Após muitas consultas, o bispo resolveu enviá-lo para a casa do jornalista Zuenir Ventura, repórter especial do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, que meses antes estivera no Acre para fazer uma reportagem. Genésio residiu em Ipanema até março deste ano, quando se mudou para outro lugar, mantido em segredo por um pequeno círculo de conhecidos. Para quem mora em Ipanema, no Rio, na Vila Mariana, em São Paulo, ou em Santo Antônio, em Belo Horizonte, tamanhos cuidados podem parecer exagerados. Não são. Em 22 de janeiro deste ano, outra testemunha do processo, José Bento, que fora empregado de Darly, estava saindo de casa a caminho do trabalho — foi fuzilado por desconhecidos que apareceram numa moto e nunca mais foram encontrados.

**DEPOIS DE PELÉ** — O aspecto mais curioso deste julgamento reside, no entanto, em sua capacidade de chamar a atenção de platéias do mundo inteiro para o cidadão Chico Mendes, nascido numa família de oito irmãos num seringal nas cercanias de Xapuri — até então, a mais ilustre personalidade do lugar era o atual ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, que dali se mudou, com a família, aos 3 anos de idade. Depois de sua morte, Chico Mendes tornou-se um nome familiar junto a senadores americanos, intelectuais da Sorbonne e motoristas de táxi de Roma. Já existe uma linha de montagem para a

produção de suas biografias em diversos lugares do mundo e, para comprar os direitos de filmar a tragédia, o produtor inglês David Puttnam, que fez *A Missão*, desembolsou a bagatela de 1 milhão de dólares. Hoje, Chico Mendes é provavelmente o brasileiro mais conhecido no mundo depois de Pelé.

Há uma diferença entre os dois. Enquanto Pelé tornou-se primeiro um herói brasileiro e depois foi reconhecido como o maior jogador de futebol de todos os tempos, Chico Mendes tornou-se primeiro um personagem internacionalmente

Nunca Mais, do pastor Jaime Wright, a dimensão humana que Weschler captou. Atualmente, a cobertura das televisões e dos jornais americanos e europeus do problema do menor abandonado nas grandes cidades brasileiras é mais intensa e mais bem detalhada do que a cobertura nacional.

**JIFE ATOLADO** — O outro motivo que levou Chico Mendes ao reconhecimento internacional foi produto de uma circunstância. Em 1988, a opinião pública mundial estava atônita diante de inesperados fenômenos climáticos e desastres ambientais. Fora o ano mais seco das duas últimas décadas, quando a temperatura do planeta começou a ser medida cientificamente. Ela assolou da Etiópia à União Soviética. Vinte Estados americanos foram declarados área de calamidade. O Parque Nacional de Yellowstone, em Wyoming, foi praticamente destruído por um incêndio. O presidente George Bush chegou a dizer que 1988 “foi o ano em que o meio ambiente se fez ouvir”. Meses antes, no dia 9 de setembro de 1987, o satélite meteorológico NOAA9 passou em cima da Amazônia e remeteu as imagens que fotografara a uma rede de institutos de pesquisas. Uma das transmissões foi para o Inpe, Instituto de Pesquisas Espaciais, em São José dos Campos. Lá, o cientista brasileiro Alberto Setzer começou a contar os pequenos pontos que indicavam queimadas. Eram 7 063, num só dia.

Há quase um século havia cientistas estudando o que denominavam de “efeito estufa”, através do qual as emissões de gases da superfície da Terra alteravam a atmosfera e faziam com que sua temperatura subisse. Portanto, já existia uma teoria e havia, também, um problema. faltava achar um culpado, e o Brasil foi sorteado. “Histórias de incêndio são uma marca do jornalismo, essa era a grande história de incêndio”, escreveu o jornalista americano Alex Shoumatoff em seu livro *The World Is Burning*. Como argumentou há poucas semanas o embaixado



Revkin: “Chico teve o mesmo papel de Lech Walesa”



Puttnam: 1 milhão de dólares



Simons: primeira página

reconhecido. Isso ocorreu por dois motivos. O primeiro é histórico: a imprensa mundial tem, muitas vezes, a capacidade de perceber fenômenos da vida brasileira que o receituário nacional considera banais ou até mesmo irrelevantes. A maior (e melhor) reportagem sobre a tortura aplicada aos presos políticos por oficiais das Forças Armadas nos anos 60 e 70 foi escrita pelo jornalista Lawrence Weschler e publicada pela revista americana *The New Yorker*. Nenhum órgão de imprensa brasileiro deu ao Projeto Brasil:

## A vida nova de Ilzamar

*Dólares, viagens e casamento*

Em dois anos, a vida em Xapuri mudou bastante. A casa de Chico Mendes, por exemplo, palco de movimentadas reuniões entre líderes seringueiros, foi transformada num museu — a Fundação Chico Mendes — que raramente recebe visitas. Nele estão algumas fotos, os prêmios de Chico Mendes e a toalha que ele carregava no ombro quando foi assassinado. Desde março do ano passado, a viúva do sindicalista, Ilzamar Mendes, 26, mora com os filhos Sandino, de 4 anos, e Helenira, de 6, numa casa mais confortável, doada por uma entidade ecológica. “Ilza” — como é chamada pelos amigos — já refez completamente sua vida, o que inclui um novo casamento. Está morando há um ano com o vereador do PT Julio Nicácio, 28 anos, um dos melhores amigos de Chico Mendes.

Hoje, a situação financeira de Ilzamar é bem melhor do que nos tempos em que foi casada com o sindicalista. E sua vida, muito mais agitada. Conheceu Nova York e Roma, a convite de entidades ambientalistas, e assinou um contrato com a JN Filmes, do produtor carioca Jofre Rodrigues, para a filmagem da vida de Chico Mendes, que lhe rendeu uma bolada de 700 000 dólares. Mas ela garante que só recebeu 150 000 — o restante foi bloqueado pelo Plano Collor. Com o dinheiro, Ilzamar comprou uma pequena fazenda, de 40 hectares, onde tem uma dúzia de bois, três vacas, dois cavalos e galinhas. Construiu uma casa no local e comprou uma caminhonete D-20.

**HERANÇA DISPUTADA** — A viúva de Chico Mendes não tem muitos amigos na cidade. Ao contrário. Ela se queixa de que vários conhecidos não a cumprimentam na rua e diz que até hoje recebe trotes ao telefone de pessoas que a acusam de ter casado cedo demais. “Eles queriam que eu vivesse num pedestal, como uma santa”, reclama. Diariamente, Ilzamar administra três brigas simultâ-

neas que trava pelo espólio de Chico Mendes. Uma delas é em família — Angela, 21 anos, filha do primeiro casamento de Chico Mendes, move uma ação contra ela pela divisão dos bens que recebe por conta do nome do sindicalista. A outra briga é política, com o presidente do sindicato dos seringueiros de Brasília, Osmarino Amâncio. Ele a acusa de utilizar em benefício próprio o dinheiro que deveria ser dos seringueiros.

A terceira frente de Ilzamar é com o sindicato dos seringueiros de Xapuri,

brasileiro Carlos Augusto Santos Neves numa conferência na Universidade de New Hampshire, “mais uma vez satanizou-se a América Latina”. Em vida, Chico Mendes era um personagem conhecido na comunidade ecológica internacional. Sua luta no Acre já lhe tinha trazido prêmios do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e da prestigiada Fundação Gaia. O mais importante, porém, foi a medalha da Sociedade para a Proteção do Meio Ambiente por um Mundo Melhor, organização com nome de poema por trás da qual estava o magnata Ted Turner, dono da cadeia de televisão CNN. Chico Mendes conseguiu sair do círculo de silêncio da Amazônia graças a diversas pessoas. A mais importante delas foi o cineasta inglês Adrian Cowell. Era um amigo do professor José



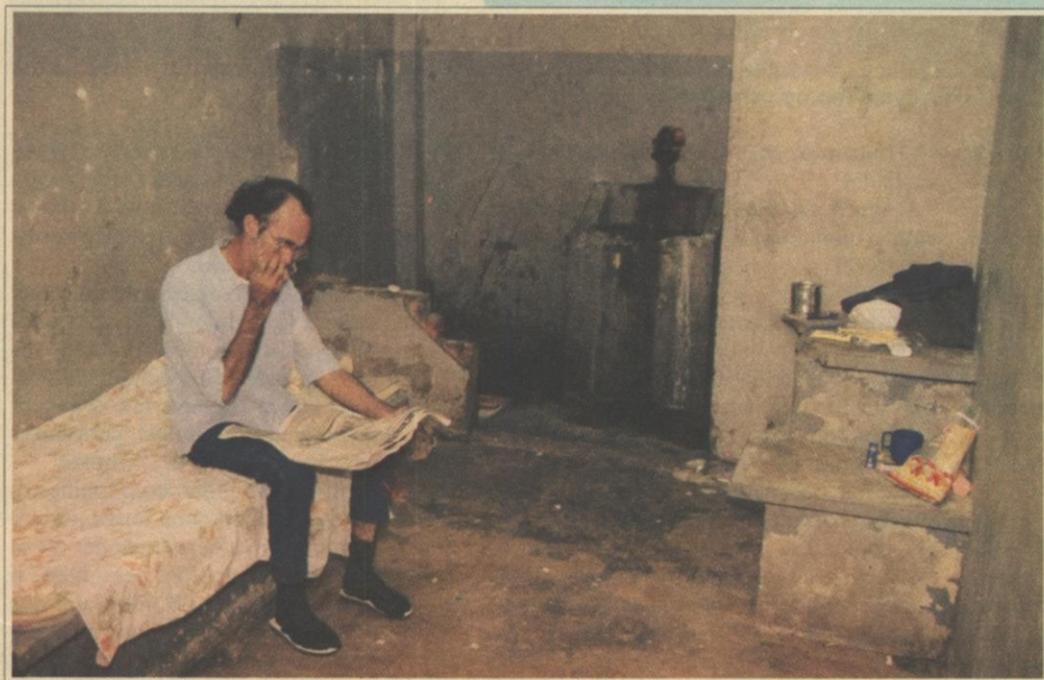
Ilzamar, com Julio: um outro afeto

pelo controle da Fundação Chico Mendes. Mais precisamente, pelo controle do dinheiro que a entidade recebe em doações — que hoje somam 17 milhões de cruzeiros. Enquanto as brigas continuam, Ilzamar garante que não pretende sair de Xapuri nos próximos dez anos. “Quero que meus filhos cresçam ouvindo falar da luta do pai e que um dia se tornem advogados da causa dos seringueiros”, diz. Dos filhos, Helenira foi a que mais sofreu com a morte do pai. Ela continua com os detalhes do assassinato na memória. Quando perguntada sobre quem matou Chico Mendes, responde sem titubear: “Foi a UDR”.

Lutzenberger, atual secretário do Meio Ambiente no governo de Fernando Collor, havia dez anos documentava a destruição da Amazônia e rodara milhões de metros de filme. Desde 1986 ele acompanhava (e filmava) o trabalho de Chico Mendes. “Sem Cowell, Chico Mendes teria sido apenas um desconhecido líder sindical de Xapuri”, escreve o jornalista Andrew Revkin. Na semana passada, já em Xapuri, Adrian Cowell embrenhou-se pela floresta em busca de imagens para um documentário sobre o julgamento — na quinta-feira, sua equipe passou várias horas enfiada na lama até conseguir resgatar um jipe atolado.

Enquanto Xapuri e os seringueiros eram vistos no Brasil como um problema remoto, movia-se em torno da pequena

cidade do Acre uma rede de devoções em que se misturavam brasileiros e estrangeiros. No centro, estava a antropóloga Mary Alegretti. Paranaense, vivera em Brasília e decidira meter-se na mata para fazer uma tese de doutorado sobre os seringueiros — acabou se tornando uma espécie de guru de Chico Mendes. Em 1980, chegou o cientista político inglês Tony Gross, graças a quem o movimento dos seringueiros recebeu a primeira doação internacional, vinda da Oxfam, entidade dedicada à defesa dos direitos humanos baseada em Oxford. Em 1985, Gross levou Alegretti a Washington para uma peregrinação em busca de recursos e contra a liberação de empréstimos internacionais para estradas e hidrelétricas na Amazônia. Lá, incorporou-se à rede Stephan Schwartzman, um



**Darly, na cela: exercícios e úlcera**

antropólogo que trabalhava para uma organização inglesa dedicada à defesa dos índios. No início de 1987, eles levaram Chico Mendes para assistir a uma conferência do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o BID, em Miami. “Ele chegou sem um tostão no bolso, não falava uma palavra de inglês e só conseguiu passar pela alfândega porque tinha um convite com ele”, relata Schwartzman, que foi apanhá-lo no aeroporto. Aos poucos, mesmo sendo tratado como um caipira exótico por boa parte de seus interlocutores, inclusive representantes do governo brasileiro, Chico Mendes se tornou um personagem mais conhecido na comunidade internacional de defesa do meio ambiente do que no Brasil ou, até mesmo, no Acre.

## A carreira violenta de Darly

*Fazendeiro é acusado de seis mortes*

Preso na Penitenciária de Rio Branco há dois anos, Darly Alves da Silva acorda diariamente às 5 horas da manhã, faz exercícios físicos e, quando vai ao pátio, dá oito voltas no campo de futebol. Em meados do ano passado, adoeceu e acabou no hospital com uma úlcera perfurada. Todos os sábados de manhã, recebe a visita da quarta mulher, Maria Gorete, com quem passa duas horas numa sala reservada — os detentos casados e de bom comportamento têm direito a visitas íntimas. Darly também pode dar

acusados de ter matado o agricultor Manuel Alves Pinto e seu filho Pedro Alves Pinto, na cidade de Pocrane, Minas Gerais, em 1958. Manuel recebeu 54 tiros e Pedro, seis. O caso chegou à Justiça, mas a denúncia prescreveu antes que houvesse o julgamento — a família de Darly fugiu de Minas Gerais. Em Umuarama, a 613 quilômetros de Curitiba, no Paraná, pesa sobre Darly a acusação de ter matado três pessoas, também com a ajuda de um dos irmãos. Desse caso, porém, Darly não deve escapar — será levado a julgamento assim que terminar o processo da morte de Chico Mendes.

No Acre, para onde fugiu da acusação de Umuarama, Darly tem uma fazenda de 3 000 hectares, que é considerada média para os padrões da região. Ao chegar a Xapuri, em 1973, ele tomou posse de 50 hectares e, aos poucos, foi comprando ou incorporando novos pedaços à propriedade. Pai de catorze filhos, ele deixou uma mulher no Paraná e, antes de ser preso, vivia com três outras, instaladas em casas separadas, na sua fazenda em Xapuri. Com sua prisão, esse estranho núcleo familiar desintegrou-se. Uma das mulheres, Francisca, suicidou-se, cortando a jugular com uma faca, depois de ter revelado seu paradeiro à polícia. A mais jovem, Maria

Gorete, mudou-se para Rio Branco e passou a morar numa casa ao lado da penitenciária. Na fazenda, hoje praticamente abandonada, ficou a outra mulher e seu filho mais novo, Darlzinho, de 18 anos. Analfabeto, Darly pagou os serviços de seu advogado, João Lucena Leal, com 588 vacas — ainda lhe restam 3 800 cabeças. Nas últimas semanas, com a proximidade do julgamento, ele está angustiado e inquieto — sonha em sair do Acre e viver longe dos ecologistas. Qualquer que seja o resultado do julgamento, porém, ele não deverá sair da prisão tão cedo — vai ter de responder ao processo de Umuarama.

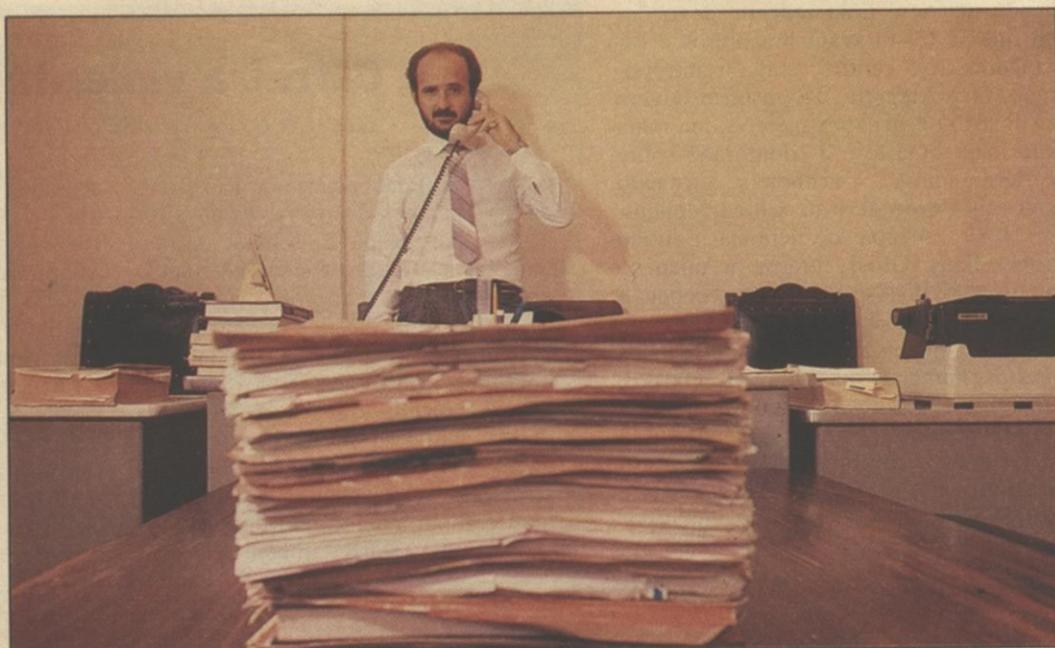
Aos 53 anos, Darly é apontado como participante do assassinato de seis pessoas. Darly e três de seus irmãos são

Gorete, mudou-se para Rio Branco e passou a morar numa casa ao lado da penitenciária. Na fazenda, hoje praticamente abandonada, ficou a outra mulher e seu filho mais novo, Darlzinho, de 18 anos. Analfabeto, Darly pagou os serviços de seu advogado, João Lucena Leal, com 588 vacas — ainda lhe restam 3 800 cabeças. Nas últimas semanas, com a proximidade do julgamento, ele está angustiado e inquieto — sonha em sair do Acre e viver longe dos ecologistas. Qualquer que seja o resultado do julgamento, porém, ele não deverá sair da prisão tão cedo — vai ter de responder ao processo de Umuarama.

Marlise Simons, repórter do *The New York Times*, era uma das pessoas que conheciam e respeitavam Chico Mendes. Ela o encontrou no Rio de Janeiro, um pouco antes do assassinato. No dia seguinte ao crime, escreveu uma longa reportagem, que, para sua surpresa, acabou saindo na primeira página do jornal. Todos os grandes jornais e revistas do mundo trataram do assunto. O assassinato de Chico Mendes teve uma cobertura internacional muito maior que a doença e a morte do presidente Tancredo Neves, em 1985.

Ainda assim, é um erro supor que Chico Mendes tenha ficado famoso depois de morto. Seu assassinato fez com que a opinião pública brasileira, surpreendida pela repercussão internacional, prestasse mais atenção àquele tipo com uma aparência tão familiar — e com uma celebridade tão fora do comum. Também é um erro supor que, estrela do circuito verde internacional, Chico Mendes tivesse passado por uma transmutação genética, capaz de torná-lo uma espécie de bondoso caçador de borboletas que, de puçá na mão, não faz mal a ninguém — nem às próprias borboletas, devolvidas à natureza após uma sucessão de olhares embevecidos.

**“EU ESTAVA SONHANDO”** — De seu casamento com Ilzamar, ficaram dois órfãos. Helenira, de 6 anos, recebeu esse nome em homenagem a uma guerrilheira do PC do B que acabou morta nos conflitos do Araguaia, nos anos 70. O nome do filho menor, Sandino, de 4 anos, é uma homenagem prestada ao patrono da Frente Sandinista de Libertação, que realizou a revolução na Nicarágua em 1979. Boa parte dos visitantes que têm disposição para enfrentar 180 quilômetros da estrada de terra que liga Rio Branco a Xapuri costuma se surpreender quando visita seu túmulo. Ali, na transcrição de uma mensagem que escreveu antes de morrer, Chico Mendes deixou o que chamava de “Carta ao Jovem do Futuro”. Ele fala de uma “revolução socialista mundial”. Em seu trecho final, lê-se, ainda, um pedido: “Desculpem, eu esta-



**O juiz Adair Longhini: no centro das atenções**

va sonhando. Mas tenho o prazer de ter sonhado”.

O mito do ecologista que passava a vida a contemplar orquídeas é bastante agradável — especialmente depois que ele se encontra sob uma lápide e as flores ornamentam o cemitério. Mesmo bastante conhecido, Chico Mendes nunca foi uma personalidade popular no Acre. Em suas investidas para conseguir um mandato de deputado, por exemplo, ele sempre fracassou. Fez duas tentativas, em nenhuma conseguiu o número de votos suficiente para se eleger — numa das oportunidades, recebeu perto de 900 votos, total equivalente à metade dos seringueiros filiados a seu sindicato. Na campanha eleitoral de 1990, sua filha Angela Maria, 21 anos, nascida de um primeiro casamento, chegou a ir ao programa eleitoral do candidato adversário do PT para

fazer denúncias pesadas contra a viúva Ilzamar — numa repetição, em escala Acre, da aparição da enfermeira Mirian Cordeiro na reta final da sucessão presidencial, no ano passado.

Na atividade que conhecia melhor, que era defender a floresta onde os seringueiros garantem o fim do mês, muitas vezes se deu bem. A grande especialidade profissional de Chico Mendes era convocar seringueiros e suas famílias para fazer uma operação chamada de “empate” — eles acampavam no lugar, com mulheres, filhos e utensílios para uma longa permanência, e impediam a derrubada das árvores. Numa dessas ocasiões, em 1986, o alvo foi uma fazenda da Bordon, um dos maiores frigoríficos do país, que costuma exportar 140 milhões de dólares por ano e resolveu criar gado no Acre atraído pela

gorda massa de incentivos fiscais e subsídios oferecidos pelo governo. Numa ação pacífica, sem nenhum tipo de incidente, a Bordon se rendeu à mobilização daquele líder de um sindicato de pés-descalços — e após dois anos de investimentos resolveu ir embora.

“O investimento em si já era muito alto”, afirma Jesuino Treviatio, assessor da Bordon. “Mas o que levou a empresa a vender as terras foram as brigas que teríamos de travar com a turma do Chico Mendes, caso fôssemos investir na região.” Em suas visitas aos gabinetes com ar refrigerado do Primeiro Mundo, Chi-



**A filha Angela: ação inspirada em Mirian Cordeiro**



A sala do tribunal, em Xapuri: sem ar condicionado e apenas 99 cadeiras

co Mendes percorreu o Senado americano como porta-bandeira da proteção ao meio ambiente, pedindo a suspensão de uma injeção de dólares para a construção da BR-364, que iria abrir o Acre. A unanimidade dos fazendeiros do lugar encarava a estrada como uma bênção para seus negócios — pois teria o efeito de multiplicar o valor de suas propriedades, além de facilitar o transporte de qualquer mercadoria. De olho nos seringueiros, condenados a perambular sem emprego pelas cidades do lugar assim que o asfalto secasse, Chico Mendes formou do outro lado. O campo em que estava venceu, e, por pressão do Senado americano, os dólares não chegaram.

**SUCESÃO DE FIASCOS** — “Ele era um lutador”, afirma Osmarino Amâncio Rodrigues, um de seus sucessores no movimento dos seringueiros. Chico Mendes vivia num mundo onde existem — e são levadas a sério — entidades como a União dos Povos da Floresta, espécie de sindicato que pretende batalhar pelas reivindicações de índios, seringueiros e outras populações da região que vivem de caçar e pescar. Com muita frequência, essas pessoas são vistas como seres primitivos em demasia. Essa visão tem sua razão de ser, até mesmo quando se examina a profissão de Chico Mendes, o seringueiro. Existem, a rigor, poucas atividades tão anti-econômicas no Brasil e mesmo

no mundo. Todos os dias, um seringueiro é obrigado a caminhar perto de 40 quilômetros pelo mato, onde risca as árvores com um facão e depois faz o caminho de volta, para recolher a seiva, defumá-la e fabricar a borracha. É uma jornada que começa às 4 da manhã e termina às 9 da noite, rende perto de 5 000 cruzeiros por mês e pode render ainda menos em poucos anos — pois o preço da borracha registra uma linha de queda permanente.

Vistos por esse ângulo, os 70 000 seringueiros da Amazônia são um exemplo ilustrativo do atraso do país. O problema é que há mais de cinquenta anos sucessivos governos brasileiros anunciam projetos para integrar essa região que ocupa perto de 42% do território nacional — e o resultado tem sido uma sucessão de fiascos muito mais caros. Uma das idéias foi a Transamazô-



O sucessor Osmarino e o delegado Tuma: visões opostas

nica, que, conforme o slogan da época, iria “dar uma terra sem povo a um povo sem terra”. Descobriu-se, primeiro, que a terra tinha povo — e que nem sempre tinha grande utilidade para a agricultura. Outra idéia foi a abertura dos cofres públicos para incentivos fiscais e créditos subsidiados — uma vez, quando a taxa de inflação anual era de 35%, os juros ficaram no gostoso limite de 7%. Esse plano até funcionou — enquanto havia subsídios para criar boi no pasto e repartir o filé mignon do contribuinte. Nesse mundo, a obra de Chico Mendes foi a consumação de um casamento astucioso com a floresta — garantia do pão dos pobres do país primitivo e do altar predileto da religião dos ricos sofisticados.

Nesta quarta-feira, quando o juiz Adair Longhini declarar aberta a sessão de Xapuri, terá início um julgamento que pode se prolongar por vários dias. Qualquer que seja o veredicto dos sete jurados, contudo, a cerimônia já tem um vencedor. Ao longo de sua existência, Chico Mendes sempre fez o possível para andar dentro da lei. Em 1980, por exemplo, ocorreu o assassinato de outro líder dos seringueiros, Wilson Pinheiro, fuzilado quando assistia a um programa de TV — depois de organizar um protesto pela morte, Chico Mendes acabou enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Em 1988, convencido de que iria sofrer um atentado que lhe custaria a vida, bateu à porta das autoridades de Rio Branco e dos ministérios de Brasília em busca de proteção — recebeu uma escolta de um cabo e um soldado da PM, armados de um único e velho revólver que, de vez em quando, enfiava. Um pouco antes de ser morto, entregou ao delegado Mauro Sposito, da Polícia Federal de Rio Branco, um mandado de prisão contra Darly Alves da Silva, expedido em Umuarama. Por um desses enigmas que, um dia, serão decifrados, o papel não andou na burocracia, Darly continuou à solta, e, dias mais tarde, um tiro de escopeta derubou Chico Mendes. Nesta quarta-feira, o primitivo cidadão brasileiro Francisco Alves Mendes Filho terá, enfim, um encontro com a lei. ■

FOTOS PAULO JARES

ANTONIO RIBEIRO